

ISSN 2447-4177



ARQUIVO EM CARTAZ 2020
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Memórias do tempo presente

registros da pandemia



**Memórias do
tempo presente**
registros da pandemia

Copyright © 2020 Arquivo Nacional
Praça da República, 173
20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefones: (55 21) 2179-1253



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons – Atribuição CCBY 4.0,
sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que
mencionada a fonte.

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Justiça e Segurança Pública
André Luiz de Almeida Mendonça
Diretora-geral do Arquivo Nacional
Neide Alves Dias De Sordi



Coordenadora-geral de Acesso e Difusão Documental
Luana Farias Sales Marques

Coordenador-geral de Administração
Leandro Esteves de Freitas

Coordenadora-geral de Gestão de Documentos
Mariana Barros Meirelles

Coordenadora-geral de Processamento e Preservação do Acervo
Aluf Alba Elias

Coordenadora-geral regional no Distrito Federal
Larissa Candida Costa

Coordenador de Documentos Audiovisuais e Cartográficos
Antonio Laurindo

Coordenadora de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo
Leticia dos Santos Grativol

Coordenador de Preservação do Acervo
Tiago César da Silva

Realização
Arquivo Nacional

GRUPO DE TRABALHO ARQUIVO EM CARTAZ

Coordenação-executiva
Antonio Laurindo
Sylvana Cotrim Lobo

Curadoria
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

REVISTA ARQUIVO EM CARTAZ

Edição
Antonio Laurindo
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

Preparação de originais e revisão
José Claudio Mattar
Mariana Simões

Pesquisa de imagens
Antonio Laurindo
Januária Teive de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação
Alzira Reis

Arte da capa
Simone Kimura

Imagem da capa: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_06158_026

novembro | 2020



ARQUIVO EM CARTAZ 2020

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Apresentação	5
Antonio Laurindo Cadu Marconi Januária Teive	
Breve relato de dias de pandemia	9
Marcus Vinicius Pereira Alves	
A experiência da escassez no audiovisual feito na e pela periferia	16
Wilq Vicente	
Do alto de uma janela um tecido preto se balança pelos ares: mulheres e Covid-19 no Brasil	29
Melissa de Oliveira Pereira	
Uma visão da (in)justiça: arquivos de Harvard produzem um fruto estranho	40
Jarret M. Drake	
A canção no tempo pandêmico	45
Rafael José Azevedo	
Museu de um mundo estilizado: cartografia de um tempo pandêmico	57
Monica Klemz	
Sobre a pesquisa de imagens em produções culturais: um breve relato	68
Priscila Serejo	
De relatos a coleção: testemunhos do isolamento	78
Beatriz Kushnir	
Acervo, pandemia e televisão: relato de experiência na TV Globo	88
Ester Eiko Duarte Kimura	

**FECHADO
POR FALTA DE
GARANTIAS.**



Apresentação

Antonio Laurindo
Cadu Marconi
Januária Teive
Editores

Em março deste ano, havia aqueles que iriam a um show na sexta com os amigos, mas a apresentação foi cancelada. Era aniversário de alguém no sábado, um churrasco. Adiado indefinidamente. Também foi assim com a ida ao estádio para ver o clássico regional. Aquele filme que estrearia nos cinemas – para o qual os amigos tinham combinado de ir – não estreou, pois sala de cinema lotada virou a definição do perigo distópico. E a palavra de ordem mais sensata, contramão das orientações de praxe dos movimentos sociais, era “fique em casa”.

Esse passou a ser nosso dia a dia, assolado por um vírus desconhecido, o Sars-CoV-2, que chegava não só ao Brasil, mas a todo o continente latino-americano, depois de ceifar vidas na Europa e na Ásia. Das nossas vivências cotidianas – o show, a boate, a festa com amigos, o cinema, o futebol – muitas se tornaram perigosas, pelo medo da contaminação. Se, pelo lado individual, o lado do espectador, do consumo, essas pequenas alegrias se tornaram inviáveis, há o lado de quem produz, toca, filma, joga, enfim, trabalha. Cadeias de produção no campo da cultura, da arte, da memória tiveram que se reinventar, ou mesmo paralisar suas atividades.

Quando se fala em trabalho, há quem não pôde ficar em casa. Profissionais da saúde, do essencial Sistema Único de Saúde, o SUS, entregadores, trabalhadores de farmácias e supermercados tiveram que se expor aos riscos em nome da vida coletiva. Com os transportes drasticamente reduzidos, houve dias em que as ruas da cidade, ou pelo menos aquelas do centro político e comercial, estavam desertas: silenciosas, vazias, cenário dos piores filmes de apocalipse zumbi. Com uma diferença: o filme acaba em aproximadamente duas horas. As consequências de uma pandemia, nos traumas e na economia, terão ainda bastante sobrevida.

Diante deste ano tão confuso, tentamos constantemente sistematizar o mundo em nossas cabeças e dar vazão à vontade de debater, de ver, de sentir. É nesse sentido que organizamos o Festival Arquivo em Cartaz, pela primeira vez em formato online, mas mantendo suas diversas iniciativas: Mostra Competitiva, Oficina Lanterna Mágica, Arquivo Faz Escola, Arquivos do Amanhã, oficinas técnicas, mesas de debates. Todas realizadas através das telas.



A revista Arquivo em Cartaz 2020 também volta seus esforços, em sua sexta edição, para entender o impacto da pandemia em nossos registros, produções, imagens e trabalho com arquivos. Pôr em ordem, tentar compreender, é tarefa coletiva de nossas instituições públicas e privadas ligadas à pesquisa e à memória. É, portanto, um funcionário do Arquivo Nacional que dá o pontapé inicial à nossa revista neste ano: Marcus Vinicius, servidor da equipe de Processamento Técnico de Documentos Audiovisuais, Sonoros e Musicais, escreve um relato pessoal e corajoso sobre a rotina do trabalho em casa, misturando labuta e afeto, dificuldades e resultados.

O artigo seguinte, de Wilq Vicente, faz um apanhado da produção audiovisual recente sobre o universo da periferia brasileira. Parte de uma arqueologia das abordagens negras e suburbanas para fazer um levantamento contemporâneo do que tem sido realizado na cinematografia brasileira, ainda que sem financiamento e inventando respostas para as necessidades mais básicas do financiamento de filmes. Traz em seu título “a experiência da escassez” como marca da produção na e para a periferia e, em seu texto, aponta caminhos para se produzir, mesmo no fio da navalha.

Logo em seguida, Melissa de Oliveira faz uma abordagem dos cruzamentos entre as desigualdades de gênero, classe e raça, através das cenas midiáticas do caso do menino Miguel, filho de uma empregada doméstica que trabalhava em um prédio de luxo no centro de Recife. O menino caiu do nono andar, enquanto estava sob os cuidados da patroa de sua mãe. Essa situação é ponto de partida para trazer dados e questionamentos sobre a condição da mulher brasileira durante a pandemia.

Buscamos também debater o racismo estrutural num artigo que dialoga com os movimentos Black Lives Matter, que eclodiram mundialmente durante a pandemia, inclusive no Brasil. Jarret Martin Drake é arquivista norte-americano e debate um caso paradigmático: uma pesquisadora negra tenta recuperar judicialmente daguerreótipos de seus ancestrais escravizados, Renty e Delia, que se encontram nos arquivos de Harvard. São imagens captadas por um supremacista branco no século XIX, ex-professor da mesma universidade.

Indo por outros caminhos, o artigo de Rafael José é mais leve: propõe repensar nossa relação com o som, encarar com ouvidos atentos as alterações na paisagem sonora que a pandemia traz, e perceber as memórias afetivas e possibilidades presentes do formato “canção”. Começa com um relato pessoal para sugerir ressignificações de canções antigas e entendimentos de canções do tempo presente.

Monica Klemz aponta para o futuro, para a realização de um “Museu de um tempo estilhado”, projeto imersivo em andamento, que pretende colocar lado a lado realidade virtual e os sons e imagens dos desmontes de favelas na cidade do Rio de Janeiro. O foco é a remoção da comunidade Vila Autódromo, em Jacarepaguá. O artigo relata as dificuldades presentes para o andamento, em meio à pandemia, de um projeto inovador como esse.

A abordagem da Priscila Serejo, sobre o cotidiano de pesquisadores do audiovisual, traz variados exemplos de eventos do próprio Arquivo Nacional que abordam a pesquisa imagética e os seus caminhos. Versa sobre as dificuldades atuais da pandemia, que distanciam o pesquisador de seu habitat, o arquivo, e sobre como driblar essas dificuldades.

Já os dois últimos artigos têm um caráter mais institucional: Beatriz Kushnir nos entrega um relato sobre o projeto “Testemunhos do isolamento”, instituído pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) a partir do dia 16 de março de 2020. Debate a formação dessa coleção de relatos sobre as vivências da pandemia. São relatos em texto, mas também em som, fotografias e vídeos, recolhidos do site da instituição.

Ester Eiko, em seu artigo, descreve como as imagens do acervo audiovisual da TV Globo chegam até nós: quais os caminhos da descrição, catalogação, preservação e acesso. Aborda, ainda, as mudanças no formato de jornalismo da TV Globo durante a crise sanitária: o aumento do tempo dos telejornais ao vivo, as reprises de material arquivístico, a inserção de imagens de acervo na programação e a implementação do *home office*. São questões que percebemos através das TVs e celulares, e recebem, nesse artigo, uma sistematização bem ampla e interessante.

O Arquivo em Cartaz – Festival Internacional de Cinema de Arquivo finca mais uma vez raízes sólidas entre os festivais de cinema brasileiros, destacando-se não apenas pela exibição de filmes com imagens de arquivo, mas também como espaço de formação, reflexão e difusão dos acervos audiovisuais e da memória do cinema nacional. Agora explora pela primeira vez, pela imposição da realidade, territórios virtuais. Que nossos esforços sirvam para a reflexão e para arquivos cada vez mais integrados com as demandas profundas de nossa sociedade. Boa leitura!



Sobre a pesquisa de imagens em produções culturais: um breve relato

Priscila Serejo

Pesquisadora de imagens e conteúdo

A origem da palavra pesquisa vem do termo perquirir (do latim, *perquirere*), que significa “investigar escrupulosamente, indagar, inquirir minuciosamente”.¹ Pesquisador seria, então, aquele que investiga e indaga.

Quando pensamos em pesquisador é comum lembrarmos daqueles que desenvolvem sua investigação junto à universidade, talvez pelo volume da produção acadêmica ou mesmo pelo legado do bacharelismo tão marcante em nossa tradição intelectual.

Em “Como se pesquisa em um arquivo – orientações, dicas e possibilidades”,² os historiadores Viviane Gouvêa e Thiago Mourelle apresentaram três tipos de pesquisa baseados na observação das demandas trazidas pelos consulentes do Arquivo Nacional: pesquisa acadêmica (discentes da graduação, mestrado, doutorado); pesquisa realizada por pessoas em busca de determinado documento e pesquisa para produção cultural, por profissionais em busca de documentos para utilização em livros, filmes, novelas, programas jornalísticos, museus etc.

O Arquivo Nacional é uma instituição preocupada em ouvir as mais diversas experiências dos pesquisadores. Fruto disso é o evento “Com a palavra, o usuário”, que teve início em março de 2017. No primeiro ano as edições foram mensais, em 2018 passaram a acontecer trimestralmente e em 2019 ocorreram apenas três encontros. A cada edição um pesquisador é convidado e conta um pouco sobre sua trajetória profissional, seu método de pesquisa, o assunto ou tema que estuda e sua interação com o acervo, trazendo as dificuldades e descobertas.

Ao longo desses três anos, foram convidados pesquisadores acadêmicos de diversas áreas, como história, comunicação, música; da área de patrimônio; da área de cartórios; cineastas; pesquisadores iconográficos e audiovisuais.

O historiador inglês Peter Burke, em trabalho sobre o uso de imagens como evidência histórica, dizia que “os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos”.³

1 FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa compreendendo: além do vocabulário comum aos mais modernos dicionários da língua...* Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899. v. II.

2 Como se pesquisa em um arquivo: orientações, dicas e possibilidades. Palestra apresentada pelos historiadores Viviane Gouvêa e Thiago Mourelle, realizada na sede do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, em 4 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5igOAGpVYTs>.

3 BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.



Além dos historiadores que utilizam as imagens como fonte histórica e dos pesquisadores da história da arte, da fotografia e do cinema concentrados mais no ambiente acadêmico, existe um profissional que também tem a imagem como objeto, seja ela estática ou em movimento. É o pesquisador de imagem, também chamado de iconógrafo, pesquisador iconográfico ou de imagens de arquivo.

Em *A construção do livro*, o historiador e editor Emanuel Araújo traz a definição de iconógrafo.

No sentido grego, assim pelo menos desde o século IV a.C., o iconógrafo (*eikonográphos*) era o próprio retratista ou pintor de ‘imagens’, o que correspondia ao que hoje chamamos de ilustrador, i.e., o profissional que examina atentamente o original e o traduz, em passagens significativas, através de imagens.⁴

Se na Antiguidade o iconógrafo era aquele que produzia a imagem, a partir do século XIX ele será o responsável por estudá-la e catalogá-la. É o que percebemos analisando alguns dicionários do período em que o termo passa a designar “aquele que se ocupa da descrição de imagens, das pinturas, do estudo de monumentos figurativos”⁵ ou “o que se ocupa ou sabe de iconografia”.⁶

Essa nova acepção surge, provavelmente, com os inúmeros trabalhos de referência que descrevem e reúnem informações sobre pinturas e gravuras, como *Le peintre-graveur* (1803-1821), de Adam Bartsch (1803), *Enciclopedia metodica critico-ragionata delle Belle Arti...*(1817-1824), do abade Pietro Zani, *Dictionnaire des artistes, dont nous avons des estampes...* (1778-1790), de Carl Heinrich von Heineken, e *Manuel de l'amateur d'estampes, contenant un dictionnaire des graveurs des toutes les nations...* (1854-1889), de Charles Le Blanc. Os autores, e por vezes as próprias obras, foram chamados de iconógrafos.

No Brasil, podemos destacar o trabalho pioneiro do dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, nomeado para a direção da Biblioteca Nacional em 1870, que após viagem à Europa, a fim de estudar a organização das bibliotecas europeias, observou:

um gabinete de estampas para o artista que nunca viajou é a única alavanca a que se pode valer, e ainda para o que teve a fortuna de ver e admirar as obras-primas originais, ele é a recordação sempre pronta e a representação viva do que a ausência afastou aos olhos.⁷

4 ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012, p. 444.

5 RAYMOND, François. *Dictionnaire général de la langue française et vocabulaire universel des sciences, des arts et des métiers...* Paris: A. André, Crochard & F. G. Levrault, 1832, p. 735. (tradução nossa)

6 AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, p. 916.

7 GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. *Bibliotecas públicas de Europa*. Relatório apresentado ao Ministério dos Negócios do Império em 31 de dezembro de 1874, p. 37.

Percebendo a ausência de um setor dedicado às imagens no Brasil, ele reforça o pedido de reforma da instituição, o que acontece somente com o decreto n. 6.141, em 4 de março de 1876. A Biblioteca Nacional passa a se organizar em três seções: de impressos e cartas geográficas; de manuscritos; e de estampas, sendo nomeado como responsável desta última o dr. Menezes Brum.

Uma das grandes realizações de Ramiz Galvão, junto ao barão Homem de Mello, foi a idealização do projeto da Exposição de História do Brasil, em 1881, mas, principalmente, a preparação do catálogo da mostra, um grande inventário do patrimônio documental do país.

Embora não tivesse um conhecimento amplo em iconografia, o médico José Zeferino de Menezes Brum assume a Seção de Estampas da Biblioteca Nacional e é confiada a ele a execução do “Plano dos trabalhos da Seção”⁸ que tinha como objetivo: a classificação; o arranjo e colocação; e a limpeza, conserto, restauração e montagem do acervo.

Para aprofundar seu conhecimento, ele também viaja à Europa e visita os principais acervos de iconografia: gabinetes de estampas, bibliotecas, pinacotecas e museus; realiza alguns estudos e observa os sistemas de classificação das estampas,⁹ “carreando para a instituição os manuais específicos para a identificação de peças, mantendo correspondência com os maiores especialistas, a fim de elucidar dúvidas que porventura ocorressem no decorrer de seus trabalhos”.¹⁰ Com esse aperfeiçoamento, Menezes Brum dá início ao trabalho de catalogação das imagens do setor, organizando o “Catálogo de estampas”,¹¹ por gravadores e por assunto, publicado no *Anais da Biblioteca Nacional*, em 1885.

No século XX, o significado de iconógrafo permanece ainda como aquele que classifica a imagem, mas agora, ao invés de publicar catálogos somente com a descrição dessas imagens, o estudioso é responsável por pesquisar e selecionar imagens publicadas em livros ilustrados. Podemos citar alguns pesquisadores que se dedicaram a essa prática, como Newton Carneiro e Edgard de Cerqueira Falcão, colecionadores e pesquisadores dos registros iconográficos sobre o Brasil.¹²

Gilberto Ferrez, provavelmente o maior especialista em iconografia sobre o Brasil, além de um grande estudioso dos primórdios da fotografia no país, diversas

8 BRUM, José Zeferino de Menezes. Esboço histórico. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. XI, 1883-1884. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1885, p. 559-926.

9 BRUM, José Zeferino de Menezes. *Relatório apresentado pelo sr. Jose Zephyrino de Menezes Brum, chefe da seção de estampas da Biblioteca Nacional, sobre os estudos que fez na Europa concernente à iconografia*. [S.l.: s.n.], 1890. 29 p.

10 CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A escola italiana de gravura. Catálogo de Estampas I – A-I. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 104. Rio de Janeiro: 1984, p. 175.

11 *Anais da Biblioteca Nacional*, v XI. 1883-1884. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1885, p. 553-926.

12 STICKEL, Erico João Siriuba. *Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.



vezes foi identificado como iconógrafo. Em seu primeiro trabalho, “A fotografia no Brasil e um dos seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez”,¹³ Gilberto apresentou um ensaio sobre o início da fotografia no Brasil, com um breve histórico desses fotógrafos pioneiros e setenta e nove reproduções de fotografias.

Durante sua carreira publicou mais de quarenta livros, sendo sua obra maior, sem dúvida, *Iconografia do Rio de Janeiro (1530-1890): catálogo analítico*, de 2000. O catálogo resgata toda a produção iconográfica (gravuras, mapas, plantas, desenhos, pinturas, caricaturas) sobre o Brasil que ele reuniu durante sua vida, nos mais diversos acervos públicos e privados no país e no mundo.

Na décadas de 1960 e 1970, há uma consolidação do mercado de bens culturais em função de algumas políticas implementadas pelo Estado, e um crescimento na produção de filmes, discos, jornais, publicidade, livros e revistas.¹⁴

O mercado de livros cresce substancialmente, assim como o de revistas. Podemos destacar aqui a produção da Abril Cultural, um braço da Editora Abril,¹⁵ que trouxe uma novidade ao mercado ao dedicar-se exclusivamente à publicação de revistas em fascículos.

Foram publicados, entre outros, as coleções Grandes personagens de nossa história, que teve a consultoria de imagens realizada pelo pesquisador Gilberto Ferrez,¹⁶ e Nosso Século.

Nosso Século foi pioneira na pesquisa de imagens para um projeto editorial. A equipe de pesquisa, chefiada pelo jornalista Vladimir Saccheta, percorreu durante cinco anos museus, arquivos, bibliotecas, arquivos de jornal e coleções particulares em todo país, em busca de “fotos, gravações sonoras, manuscritos, livros, jornais e revistas, estatísticas econômicas, poesias, romances, pinturas, filmes e tapes de televisão”.¹⁷ Foram selecionados cerca de cem mil fotos e documentos que ilustraram os fascículos da coleção.

Com o crescimento de publicações ricamente ilustradas como a coleção Nosso Século, aumenta a pesquisa de imagens no mercado editorial, assim como a necessidade desse profissional de pesquisa, que não é mais o produtor da imagem, nem um responsável por sua catalogação, como era no passado, mas o elo entre produtores e difusores de imagens. Os produtores são os cineastas, fotógrafos, artistas, e os difusores, o mercado editorial, o audiovisual, a publicidade, entre outros.

13 FERREZ, Gilberto. A fotografia no Brasil e um dos seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 169-304, 1946.

14 ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

15 A Abril Cultural existiu entre 1965 e 1982.

16 Ver: Levantamentos iconográficos de Gilberto Ferrez para ilustrar alguns fascículos da coleção Grandes personagens de nossa história, publicada pela Editora Abril Cultural. [Rio de Janeiro, 4 a 25 maio 1968]. Coleção Gilberto Ferrez/Arquivo Nacional.

17 Coleção Nosso Século. Carta do editor. São Paulo: Abril Cultural. v. 1900/1910: A era dos bacharéis, 1980, p. V.

No mercado audiovisual notamos um fenômeno semelhante. No passado os realizadores eram também os responsáveis pela pesquisa, preservação e memória. Podemos salientar aqui a importância do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro,¹⁸ criado em 1970, por produtores renomados como Alex Viany, Jurandy Noronha, Paulo Emilio Salles Gomes e Alice Gonzaga.

Esse quadro começa a mudar na década de 1990, com o aumento da produção de filmes com imagens de arquivo. Há um crescimento dos profissionais dedicados à pesquisa de imagem como Antonio Venancio,¹⁹ responsável pela pesquisa de projetos como *Imagens do Estado Novo – 1937-45*, de Eduardo Escorel, filme premiado no Festival É Tudo Verdade de 2016, e Patrícia Pamplona, pesquisadora de filmes como *A farrá do circo*, de Roberto Berliner e Pedro Bronz, e *Campo Grande*, de Sandra Kogut.

O pesquisador de imagens é o profissional responsável por pesquisar, selecionar, organizar e supervisionar as imagens de um determinado projeto, sejam elas estáticas ou em movimento, garantindo que os direitos aplicáveis às imagens e aos seus autores sejam respeitados.

Sua cultura visual permite analisar as necessidades de cada projeto, respeitando sua linha editorial ou artística e oferecendo aos seus clientes todo o tipo de imagens, desde documentos textuais, fotografias, ilustrações, obras de arte, charges, cartazes, vídeos e uma infinidade de materiais visuais. Deve buscar documentos que dialoguem com o tema da sua pesquisa em diversos tipos de acervos: arquivos históricos, museus, bibliotecas, agências de imagens, cinematecas, arquivos de televisão, coleções particulares, fotógrafos, artistas etc.

Em geral, é comum que os pesquisadores assumam também a produção das imagens, isto é, negociar e gerenciar a aquisição da reprodução dos documentos na qualidade necessária ao projeto, bem como o licenciamento do material, seja do direito autoral das imagens selecionadas ou do direito de personalidade dos retratados, com os próprios detentores, seus herdeiros ou representantes.

A pesquisa iconográfica como repertório de imagens de um determinado projeto tem a função de agregar valor à obra, seja ela uma exposição, livro ou revista, um filme, um programa de tevê, um website. As imagens podem ter um sentido meramente ilustrativo, mas alcançar também uma função estética ou conotativa.

Os pesquisadores de imagem costumam atuar em instituições educativas ou culturais, em agências de imagens, editoras, emissoras de televisão, produtoras audiovisuais, publicidade etc., como funcionários ou *freelancers*.

18 MATTOS, Carlos Alberto; BRANDÃO, Carlos Augusto Dauzacker; BARROS, José Tavares de; BRANDÃO, Myrna Silveira. *Memória da memória: uma história do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPCB; Playarte, 2006.

19 MINISTÉRIO DA CULTURA. Centro Técnico Audiovisual. No rastro das imagens. Entrevista com Antonio Venancio. *Filme Cultura*, Rio de Janeiro, n. 59, p. 55-57, abril, maio e junho de 2013.

20 Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>.



Não existem dados sobre esses profissionais da imagem, talvez porque atuem em setores diversos, o que facilita uma certa dispersão. Também não há um acordo coletivo ou sindicato específico.

Por conta disso, em 2020, foi criada a PAVI | Pesquisadores do Audiovisual e da Iconografia, uma associação brasileira sem fins lucrativos composta por profissionais de pesquisa audiovisual, de iconografia e editorial. Os objetivos principais da associação são difundir o ofício do pesquisador e o trabalho em pesquisa como parte do processo criativo da produção cultural e educacional, promover a valorização da categoria e lutar pela preservação da memória audiovisual do país.

Vivemos hoje um momento da profusão de imagens: nas mídias sociais, na internet, nos canais de tevê, na publicidade, as imagens estão por toda parte. Talvez por isso exista uma falsa noção de que é muito fácil pesquisar uma imagem.

Além de todas as especificidades que o ofício de pesquisador de imagens pede, e que foram descritas no texto, o ano de 2020 trouxe mais uma dificuldade, a pandemia do coronavírus. A necessidade do isolamento social distanciou o pesquisador de imagens do seu *habitat*, os acervos.

Durante meses a maioria das instituições esteve fechada, embora as produções não tenham parado. Tivemos que nos adaptar. Recorrer às coleções que têm parte do seu acervo digitalizado e disponível na internet, além de contar com a compreensão dos clientes de que determinado conteúdo nem sempre seria possível.

Podemos destacar aqui projetos como o BNDigital,²⁰ da Fundação Biblioteca Nacional, com cerca de 2.102.937 documentos digitalizados, o Brasiliana Fotográfica,²¹ ativa desde abril de 2015, que reúne fotografias de onze instituições,²² a Hemeroteca Digital, que reúne 7.912 títulos de jornais e revistas disponíveis para consulta online,²³ e o Sistema de Informações do Arquivo Nacional (Sian),²⁴ que disponibiliza acesso a mais de um milhão de documentos.

Com a flexibilização do isolamento, alguns acervos começam a receber os pesquisadores seguindo todas as normas sanitárias e de distanciamento, outros conseguem atender as demandas de forma remota. Mas num país com mais de cinco milhões de infectados e 155.459 mortos o retorno seria uma boa ideia? É uma pergunta ainda sem resposta.

21 Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/>.

22 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Joaquim Nabuco, Instituto Moreira Salles, Leibniz-Institut fuer Laenderkunde, Museu Aeroespacial, Museu da República e Museu Histórico Nacional.

23 Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

24 Disponível em: <http://sian.an.gov.br/>.

Referências

- ANAIS da Biblioteca Nacional, v. XI, 1883-1884. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1885.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.
- AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.
- BRUM, José Zeferino de Menezes. Esboço histórico. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. XI, 1883-1884. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1885.
- _____. *Relatório apresentado pelo sr. Jose Zephyrino de Menezes Brum, chefe da seção de estampas da Biblioteca Nacional, sobre os estudos que fez na Europa concernente à iconografia*. [S.l.: s.n.], 1890.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- COLEÇÃO Nosso Século. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- COMO se pesquisa em um arquivo: orientações, dicas e possibilidades. Palestra apresentada pelos historiadores Viviane Gouvêa e Thiago Mourelle, realizada na sede do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, em 4 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5igOAGpVYTs>.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A escola italiana de gravura. Catálogo de Estampas I – A-I. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 104. Rio de Janeiro, 1984.
- FERREZ, Gilberto. A fotografia no Brasil e um dos seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 10, 1946.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa compreendendo: além o vocabulário comum aos mais modernos dicionários da língua...v. II*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899.
- GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. *Bibliotecas públicas de Europa*. Relatório apresentado ao Ministério dos Negócios do Império em 31 de dezembro de 1874.
- LEVANTAMENTOS iconográficos de Gilberto Ferrez para ilustrar alguns fascículos da coleção Grandes personagens de nossa história, publicada pela Editora Abril Cultural. [Rio de Janeiro, 4 a 25 maio 1968]. Coleção Família Ferrez/Arquivo Nacional.
- MATTOS, Carlos Alberto; BRANDÃO, Carlos Augusto Dauzacker; BARROS, José Tavares de; BRANDÃO, Myrna Silveira. *Memória da memória*: uma história do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro. Rio de Janeiro: CPCB; Playarte, 2006.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Centro Técnico Audiovisual. No rastro das imagens. Entrevista com Antonio Venancio. *Filme Cultura*, Rio de Janeiro, n. 59, p. 55-57, abril, maio e junho de 2013.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RAYMOND, François. *Dictionnaire général de la langue française et vocabulaire universel des sciences, des arts et des métiers...* Paris: A. André, Crochard & F. G. Levraut, 1832.
- STICKEL, Erico João Siriuba. *Uma pequena biblioteca particular*: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004.